

ASPECTOS PROCESSUAIS NA OBRA MEMORIALISTA DE NELSON RODRIGUES

José Francisco Quaresma Soares da Silva (UEL)

jose.quaresma@ifpr.edu.br

Edina Regina Pugas Panichi (UEL)

edinapanichi@sercomtel.com.br

Nelson Rodrigues se dizia memorialista, pois mesmo quando não escrevia memórias, intercalava lembranças e reminiscências. Por vezes, experimentava em um gênero de escrita o estudo para o desenvolvimento de outro. Em *Memórias: A Menina sem Estrela*, crônicas de cunho autobiográfico, observa-se o pensamento prodigioso em retratar fatos, espaços e lugares de sua infância. Na crônica de número 40, publicada em 12/04/1967, o autor relata o surgimento embrionário do Nelson Rodrigues escritor. O episódio revela a primeira atitude autoral no gênero narrativo, mas o estilo já estava integrado ao folhetinesco e o conflito beirava o dramático. Num concurso de composições realizado na escola primária, aos sete anos, escandalizou a todos com uma história de adultério, com direito a sanguinário crime de morte. No seu teatro vê-se a identificação de elementos que transmutam da vida para a obra e, por conseguinte, ao palco, crônicas e contos, servindo de base para o eixo dramático e caracteres de personagens. Mesmo na escrita de folhetins, essa transposição se faz presente. Quando tomou para si, sob o pseudônimo de Suzana Flag, a responsabilidade de escrever *Meu Destino É Pecar*, talvez não imaginasse que aquele ato poderia ser o experimento para o sucesso vindouro, que ocorreria na década seguinte com *A Vida Como Ela É...* Seu texto dramático *A Falecida* (1953), tem ensaio processual em conto folhetinesco escrito em 1951 para o jornal *Última Hora*, enquanto *O Beijo no Asfalto* (1961), tem sua base nas crônicas memorialistas, o que não impede que outros detalhes das obras dramáticas tenham vertentes nos gêneros narrativos. Este estudo destaca o modo pelo qual os elementos da memória transitam processualmente para a obra dramática do "renovador da linguagem teatral brasileira".